

## A cidade de Kilamba

*Novo Jornal*

*15 de Julho de 2011*

CONSTRUIR UMA CIDADE de raiz para fazer face aos problemas de urbanismo de Luanda é um grande passo. E nisso o Executivo (ou a designação que nos dias se usa em vez de governo) tem todas as razões para festejar. Kilamba é um projecto gigantesco que, do ponto de vista meramente urbano, só peca por ser tardio e insuficientemente ambicioso. Kilamba é desde a independência a primeira intervenção de vulto do Estado angolano na procura de uma solução consistente e duradoura para o problema urbano. Porém, Kilamba não é ainda a nova capital de Angola, ideia que tem circulado há vários anos (e que já foi inclusive apresentada em projecto pelo arquitecto fíofa Real). O que me preocupa em toda essa febre à volta da cidade, porém, é a falta de reflexão sobre o que há-de se fazer com a mesma. Não existe quase informação nenhuma sobre a cidade (um projecto que consome milhões de dólares não disponibilizou dinheiro para a construção de uma página na Internet) e a informação que chega aos meios de comunicação social é contraditória. É difícil encontrar respostas, por exemplo, para perguntas respeitantes ao modelo de administração da cidade. A motivação do executivo em construir Kilamba deve estar em consonância com uma importante tendência do urbanismo, muito em voga hoje em países em desenvolvimento. A ideia de construir de raiz gigantescas urbes é coisa do passado. O que mais se faz agora é intervir sobre pequenas parcelas e criar modernos pólos urbanos que ofereçam serviços para a mais sofisticada e activa parte da população. Ou seja, pólos com gestão autónoma que guindem o desenvolvimento de regiões inteiras. Cairo construiu dezenas de projectos dessa natureza (houve até um magnata Egipto que tentou há tempos vender uma dessas ideias ao Executivo, que foi anunciada como Sambizanga XXI, de que nunca mais se ouviu falar). A Índia está a construir, por exemplo, o mais ambicioso desses projectos, uma cidade chamada Lavasa (podem ver aqui: [www.lavasa.com](http://www.lavasa.com)), que será a primeira cidade do mundo toda ela construída à base do novo

urbanismo – escola arquitectónica em voga nos anos vinte, antes que a preocupação com o automóvel se tornasse a razão ser do planeamento urbano. É uma cidade ecológica, dominada por áreas verde extensos troços pedonais, baixo consumo de energia e transportes movidos à electricidade. O nosso vizinho Congo Democrático, por exemplo, está a desenvolver um projecto menos ambicioso, mais à linha do Dubai igualmente construído por chineses – chamado La Cité du Fteuve (que pode ser consultado aqui: [www.lacitedufleuve.com](http://www.lacitedufleuve.com))

Ao contrário de Kilamba, esses projectos são claramente guiados pelas leis do mercado.

Lavassa vai ser a primeira cidade no mundo administrada por um consórcio internacional. Ou seja vai ser uma cidade privada.

A Cité do Fteuve, por exemplo, está a ser desenvolvida por um grupo de empresas africanas de várias partes do mundo, particularmente de outros países africanos, como a Zâmbia.

As primeiras notícias postas a circular sobre Kilamba apontavam para a direcção do consórcio. Está adstrita à administração da Sonangol-Imobiliária, e quando se fez conhecer que teria um presidente (notícia que só chegou na semana da inauguração) deixou-se a ideia de que Kilamba teria um modelo administrativo diferente do resto do país. Só mais recentemente é que Bornito de Sousa, ministro da administração interna, veio a público dizer que se ia “ensaiar” em Kilamba o modelo

autárquico (que se conforma com a constituição, mas que é quanto a mim apenas uma forma de adiar a eleição dos governadores provinciais por sufrágio universal).

As dúvidas que ainda tinha que Kilamba é mais um projecto político que económico dissiparam-se quando surgiu informação sobre as condições de acesso à propriedade. Os candidatos têm de ser angolanos e ter residência permanente em Angola (a gramática do texto não me permitiu saber se as duas orações tinham uma relação de subordinação ou coordenação, ou seja: diz o texto que é preciso ser simultaneamente angolano e viver

em Angola, ou que é preciso ser angolano “ou” ter residência em Angola?). De qualquer forma o projecto afasta muito potenciais investidores, pessoas que – não viveram ou nunca estiveram em Angola sequer, mas que ainda assim podem julgar um bom negócio ter propriedade em Angola. Não parece, por outro lado, que Kilamba seja um projecto social. Lê-se também que as condições de acesso seja que os candidatos não tenham casa própria (afastando outros investidores angolanos) e

sejam empregados e com acesso a crédito bancário (afastando milhares de angolanos cujas casas foram destruídas para que esse empreendimento fosse erguido). Ainda assim, acho que Kilamba é motivo para festa. Embora o mais importante seja que se termina a construção da cidade e sobretudo que se evite a maldição de Luanda: uma cidade que não foi construída por angolanos, e que entrou em crise mal foi abandonada pelas pessoas para as quais a cidade foi construída.